

As autárquicas e as alterações climáticas - II

João Camargo

A nível local existem inúmeros temas directamente ligados com as alterações climáticas que devem ser vistos caso-a-caso, enunciando-se como caracterização geral que as principais fragilidades físicas e sociais de cada município são agravadas pelas alterações climáticas: as zonas secas ficarão mais secas, as zonas com fragilidade a nível cheias verão mais cheias e cheias mais intensas, os litorais sofrerão mais com a agitação marítima e perda de território e haverá muito mais prejuízos e perigos associados ao mar, as zonas com mais áreas florestais verão um agravamento (sim, ainda é possível arder mais) dos incêndios, com mais área ardida e maior irregularidade nas épocas de incêndios.

Existem ainda uma questão muito específica para todos os municípios litorais desde Vila Real de Santo António até ao Porto: a prospecção e exploração de combustíveis fósseis no mar em todo o litoral do país deverá ser um tema da campanha, pelos inúmeros impactos ambientais, sociais e económicos que estes processos altamente destrutivos acarretam, e principalmente pela necessidade de travar definitivamente a expansão da exploração e consumo de petróleo e gás. Existem ainda duas concessões para uma zona interna do país, afectamente directamente os conselhos de Pombal e Batalha, mas naturalmente todos os conselhos contíguos a estes, nas quais o tema não poderá deixar de estar presente.

Além da questão dos impactos e das alterações climáticas ligada às concessões para prospecção e exploração de combustíveis fósseis, sob o qual existem importantes movimentações sociais, o Bloco diferencia-se da restante esquerda neste assunto, já que tanto PCP como PS têm defendido a nível nacional (e mais timidamente a nível local) a prospecção e exploração. Este facto não é irrelevante e devemos levar para nível local a nossa posição nacional.

A nível estritamente ligado à adaptação às alterações climáticas

importa olhar para o que já existe a nível local: 26 municípios (um por comunidade intermunicipal) desenvolveram, no âmbito do projecto ClimAdaPT.local, estratégias municipais de adaptação às alterações climáticas. Estas estratégias podem ser importantes referenciais para pensar-se os programas para as autarquias, já que avaliam as fragilidades em cada um dos municípios e depois tentam responder com estratégias municipais que implicam medidas concretas. Na maior parte dos casos estas estratégias municipais ficam aquém daquilo que é necessário, subvalorizando as ameaças identificadas e propondo medidas que não resolvem os problemas. Identificar essas lacunas e propor medidas que resolvam de facto estas ameaças seria um excelente contributo para os programas autárquicos do Bloco.

Este tema não se suavizará nos próximos tempos. Pelo contrário, ele é uma certeza e será transversal no país e em todos os municípios. Conhecer as fragilidades dos territórios e das populações e desenhar respostas coloca-nos numa posição avançada como organização local que actua no concreto e pensa no futuro.

O programa da esquerda tem que ser o programa do novo futuro, porque não há mais viabilidade para o *business as usual* nem qualquer tranquila compatibilização com um simpático capitalismo humanitário. Este é o nosso programa: um programa de liberdade, de conhecimento, de comunidade, de deixar para as futuras gerações não um futuro melhor (esse comboio já perdemos), mas sim uma política social, uma hegemonia cultural de partilha e de defesa das populações e territórios.